

# Apontamentos para uma conversa sobre o fascismo e a questão criminal

## *Notes for a conversation about fascism and the criminal*

**Vera Malaguti Batista**

Professora Adjunta de Criminologia da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Secretária Executiva do Instituto Carioca de Criminologia. Diretora da Revista Discursos Sediciosos – Crime, Direito e Sociedade. Contato: [criminologia@icc-rio.org.br](mailto:criminologia@icc-rio.org.br)

Recentemente nos reunimos no Teatro Poeira do Rio de Janeiro sobre a conjuntura no Rio e no Brasil sob a égide do prefácio ao *Anti-Édipo* de Deleuze e Guatari escrito por Foucault: “Uma introdução à vida não fascista”<sup>1</sup>. Ali, Foucault nos fala de uma certa ambiência na Europa, entre 1945 e 1965, pontuada por uma maneira “correta” de pensar, um certo estilo e uma certa ética intelectual para a qual era obrigatória alguma intimidade com o pensamento de Marx e também uma preocupação de “não deixar os sonhos vagarem longe demais de Freud”<sup>2</sup>. Ele mostra também que em cinco anos “breves e apaixonados” surgiram momentos de júbilo e enigma. A derrota militar para os *vietcongs* no Vietnam implodia em múltiplas manifestações no interior da América e constituía-se numa possibilidade inédita de golpe no centro do capitalismo. Ele

---

<sup>1</sup> Debate *Por uma Vida não Fascista*, no Teatro Poeira, no dia 20 de março de 2017, organizado por Débora Abramant, com Joel Birman, Jean Willis e a autora.

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel. Uma introdução à vida não fascista. Cadernos de Subjetividade, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, São Paulo, v. 1, n. 1, pp. 197-200, 1993.

quer retomar a Alemanha de Wilhelm Reich e o surrealismo na França contra as interpretações familiares e dualistas. Contra o fascismo, 1968 evocava novas lutas políticas e outras tecnologias do desejo.

Ele aponta no Anti-Édipo novos percursos de pensar, incitando-nos a ir mais longe, não como uma nova teoria globalizante e totalizante. Algo no registro da arte: multiplicidade, fluxos, dispositivos, ramificações. À realidade da máquina capitalista contrapomos o desejo. A pergunta não é mais porque, mas como. “Como o desejo pode e deve desdobrar suas forças na esfera do político e se intensificar no processo de reversão da ordem estabelecida?”. Para isso, segundo Foucault, teríamos que encarar três adversários: os burocratas da revolução e funcionários da verdade, os “deploráveis técnicos do desejo” e o inimigo maior, o fascismo. Tudo nos parece tão assustadoramente próximo... Como livrar-nos do fascismo circundante em nossos discursos, atos, corações e prazeres? Se Deleuze e Guatari buscavam o fascismo no corpo, a ele contrapõem uma arte de viver como ética.

Repliquemos aqui o que Foucault apresentou como princípios essenciais:

- libertar a ação política de qualquer paranoia unitária e totalizante;
- fazer crescer a ação, o pensamento e o desejo no sentido da proliferação, justaposição e disjunção contra os sentidos subdivisivos e hierarquizantes;
- livrar-se da velha categoria do Negativo, o estar na falta, seja falta de lei, falta de pena, falta de pai ou falta de Estado: contra tudo isso o positivo e múltiplo, produtivo e nômade;
- não é preciso ser triste para ser militante;
- enfrentar o valor de verdade na prática política;
- desindividualizar, entender o indivíduo como um produto de poder acumulado há séculos na genealogia do liberalismo: a desindividualização se dá pela multiplicação e pelos deslocamentos;
- não se apaixonar pelo poder.

Como esse toque de Foucault, na virada dos 80, pós 68, urdidor da governança neoliberal, pode nos ajudar a banir todas as formas de fascismo, das “colossais até as formas miúdas”? Ecoemos esse toque então para nossa margem do discurso: a América Latina lida como colossal instituição de sequestro, como nos ensinou Zaffaroni<sup>3</sup>. Concebida como um outro mundo, repleto de menos humanos, o continente se presta a castigos de degredo e de galés e de desterro, mas principalmente de reduzir os menos humanos a objetificações e hierarquizações classificatórias. O gigantesco sistema carcerário hoje instalado da Patagônia às fronteiras com os Estados Unidos da América tem renovadas funções e uma extensão nunca antes imaginada.

Nossa tradução antropofágica de Foucault pensa na transculturação que Darcy Ribeiro descreveu ao debruçar-se sobre nosso processo civilizatório<sup>4</sup>. A incorporação periférica aos movimentos do capitalismo sempre instalou moinhos de gastar gente. É dele também a bela passagem que nos lembra que todo brasileiro é um pouco torturador e torturado<sup>5</sup>. Estamos todos implicados nas permanências históricas da colonização, da escravidão, das prisões democráticas e ditatoriais. Temos uma maneira bem peculiar de transformar essas violências em fetiches criminais. Toda uma racionalidade e toda uma afetividade ibérica inquisitorial funda e se atualiza *ad infinitum* na transformação de nós mesmos em um assustador outro a ser contido, torturado, chacinado. Da inquisição ao positivismo luso-brasileiro foi-se constituindo uma discursividade hierarquizante e classificatória que deu conta sempre da projeção de alvos fixos, e, ainda que mude os vetores, os matáveis são sempre os mesmos: indígenas

---

<sup>3</sup> ZAFFARONI, Eugenio Raúl. *Em busca das penas perdidas*. Rio de Janeiro: Revan, 1991.

<sup>4</sup> RIBEIRO, Darcy. *O processo civilizatório: estudos de antropologia da civilização*. Petrópolis: Vozes, 1987.

<sup>5</sup> Idem. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

e seus descendentes, afrobrasileiros, pobres, diferentes e resistentes. O protagonismo dessa “cidadania” vai ser mesmo do homem branco e proprietário.

O fim da ditadura e a transição para a “democracia” fica como um período chave na atualização desse processo. Pensamos que nessas transições os dispositivos de “segurança” lutam para manter-se vivos na nova ordem do “estado democrático de direito”. O problema é que eles se expandiram como nunca. Aprendemos com Massimo Pavarini que para entender a questão criminal temos que decifrar as demandas por ordem<sup>6</sup>. Os criminalizáveis ou matáveis povoam as genealogias dos medos, cada tempo estabelece seus alvos fáceis. Para que ocorram os massacres é preciso antes construir um discurso legitimante, seja religioso, moral ou científico.

Em torno dos oitenta do século XX dois artefatos então engendrados foram os grandes vetores do encarceramento massivo e dos massacres contemporâneos: a segurança pública e a política criminal de drogas, o proibicionismo. Assistimos, na resistência a essa política com derramamento de sangue, ao acirramento da guerra contra as drogas, traduzida no cotidiano com uma grande matança de jovens negros e pobres. O fracasso do proibicionismo em seus objetivos explícitos é o seu sucesso na escalada da policização e militarização de tudo e de todos. É uma guerra sem regulamentos, sem cruz vermelha nem médicos sem fronteiras. O discurso do enfrentamento sem negociação encobre uma miríade de pequenas e grandes transações em mundos que se imbricam (mocinhos e bandidos) e que produzem fluxos econômicos estratégicos e fundamentais para a máquina capitalista. Na resistência contra o proibicionismo, Edson Passetti e o Nu-Sol produziram fartos argumentos ao longo desses anos. Fazendo uma crítica densa e profunda

---

<sup>6</sup> PAVARINI, Massimo. *Control y Dominación: teorías criminológicas burguesas y proyecto hegemônico*. México: Siglo Veintiuno Ed., 1983.

ao poder punitivo, seu abolicionismo nos ajudou a expandir nosso horizonte de atenção para as novas formas de controle no presente, da incitação à participação democrática nas “políticas de segurança” às ocupações “a céu aberto”<sup>7</sup>.

Os meios de comunicação trataram de construir com minúcia e afinco o novo ser matável, o novo condutor dos medos de todos. É uma educação milimétrica, forjada em roteiros de novelas, noticiários, enlatados *white trash* que foram criando essa nova espécie de cidadão de bem em contraposição aos novos inimigos públicos. Criou-se, assim, uma plateia ávida por confrontos letais, cruzadas contra o crime e combates de baixa e alta intensidade. A academia forneceu dois argumentos (ou duas categorizações frustrantes, como diria Zaffaroni<sup>8</sup>) para ribombar a nova pauta transnacional: organização criminosa (ou crime organizado) e narcotráfico.

Essa pauta e mais a conversão da ideia de garantias em privilégios, ancorada na nossa tradição inquisitorial e exterminadora, expandiu o sistema carcerário no Brasil como nunca. Aprendi com Rafael Godói que só em São Paulo as taxas de encarceramento subiram de 85,1/100 mil habitantes em 1986 para 497,4/100 mil habitantes em 2015! Ele nos apresenta uma realidade totalmente diversa da ideia de confinamento. Ele nos ensina que não é possível entender o sistema carcerário a partir das muralhas, mas a partir dos vasos comunicantes, dos fluxos engendrados através dos circuitos (sistema penitenciário e sistema de justiça), coletivos (funcionalismo penitenciário, população carcerária e facção prisional) e

---

<sup>7</sup> Cf. PASSETTI, Edson, SILVA, Roberto B. Dias da (orgs.) *Conversações abolicionistas: uma crítica ao sistema penal e da sociedade punitiva*. São Paulo: IBCCRIM, 1997; PASSETTI, Edson. *Das fuméries ao narcotráfico*. São Paulo: Educ, 1991; PASSETTI, Edson. Poder e Anarquia. Apontamentos libertários sobre o atual conservadorismo moderno. Revista Verve, Nu-Sol, São Paulo, v. 12, pp. 11-43, 2007; NU-SOL. Tecnologias do governo das ruas. Hypomnemata 135, Boletim Eletrônico mensal do Nu-Sol, nº 135, julho de 2011.

<sup>8</sup> ZAFFARONI, Raúl. “Crime organizado”: uma categorização frustrada. *Discursos Sediciosos – Crime Direito e Sociedade*, n. 1, 1996, pp. 45-68.

das conexões e articulações entre o dentro e o fora: é o sistema que “incita a mobilização ininterrupta e a articulação extramuros”<sup>9</sup>.

Aquelas permanências históricas que Nilo Batista apontou como marcas das nossas matrizes ibéricas estão aí, ao vivo e a cores nos noticiários: o elogio da delação, a tortura como método, a execução como espetáculo e o dogma da pena costurando tudo isso<sup>10</sup>. Uma noite de Jornal Nacional realiza a conversão de todos os assuntos em questão criminal, seja na política, seja na economia, seja nas relações pessoais. Da Lei Maria da Penha à Lava Jato, uma nova religiosidade percorre o país, o culto do castigo. Todos de mãos para trás, cabeças baixas, populares na porta da Polícia Federal para aplaudir as prisões, roteiros turísticos no gabinete dos juízes verdugos, procuradores percorrendo igrejas para fazer a apologia da pureza moral e da importância da pena. Essa educação que sustenta a economia da pena produziu um arregimentar de todos os nossos fascismos, queremos fugir do destino dos torturados para alcançar o de torturadores. É por isso que os homens e mulheres presos só aparecem no noticiário quando aparecem as cabeças cortadas, reificando a condição de monstros e realimentando as categorias tautológicas de narcotráfico e organização criminosa. Entram na prisão por estarem classificados nessas categorias e matam e morrem pelas mesmas causas. Um leitor assíduo dos grandes jornais e revistas e os telespectadores fiéis jamais terão a mínima ideia das reivindicações e das condições das prisões brasileiras. Tudo começa e se encerra no mesmo ponto: mais e mais pena, mais e mais recursos para os desafios da tal da segurança pública.

A velha esquerda nunca compreendeu a questão criminal, apesar de Marx, Rusche e Pachukanis. Historicamente reproduziu as estruturas

---

<sup>9</sup> GODOI, Rafael. *Fluxos em cadeia: as prisões em São Paulo na virada dos tempos*. São Paulo: Boitempo, 2017.

<sup>10</sup> BATISTA, Nilo. *Matrizes Ibéricas do Sistema Penal Brasileiro*. Rio de Janeiro: Revan, 2000.

punitivas do seu grande opositor e, na contemporaneidade, enfrenta a velha direita apostando no mesmo veneno: a mesma política de drogas, a construção dos agora bons presídios, o aparelhamento das polícias (agora com cursos de direitos humanos) e a inexplicável fé no ministério público e na magistratura... Peter Pal Pelbart retoma a resistência aos fascismos nossos diferenciando com Espinosa poder e potência: “trate-se menos de tomar o poder do que de expandir a potência”, no sentido de experimentar novas formas de “organização, de auto-organização, de produção, de despossessão, de subjetividade, de dissidência, de composição da vida”<sup>11</sup>. Os fluxos políticos de resistência estão por aí, à espera de serem decifrados e polemizados.

Cabe a nós reler o prefácio de Foucault e atualizar nossas lutas no sentido de entender o dispositivo crime para desativá-lo. Não é tarefa fácil e nem simples. Atualizando aquele princípio de Foucault de que não é preciso ser triste para ser militante, Pelbart nos ajuda a entender que não podemos fazer economia de alegria. “A alegria, dizia Espinosa, nada mais é do que a expressão de um aumento de potência”<sup>12</sup>. Não desanimar e nem entristecer, a tarefa que nos agita é aquela mesma da virada neoliberal dos oitenta: o banimento de todas as expressões do fascismo, das colossais até as formas miúdas.

---

<sup>11</sup> PELBART, Peter Pal. Estamos em guerra. Outras Palavras, 23/01/2017. Disponível em: <http://outraspalavras.net/brasil/peter-pal-pelbart-estamos-em-guerra/>

<sup>12</sup> Ibidem.